

MOBILIDADE INTERNACIONAL DISCENTE: OFERTA DO PRÉ PEC-G NO CAP/UFRR¹

Maria da Conceição Lopes²
Pâmela Andrade Vasconcelos³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a mobilidade discente, na UFRR (Universidade Federal de Roraima), por meio da oferta do curso PLE (Português Língua Estrangeira) no Pré PEC-G, por meio do Colégio de Aplicação-CAP. Pretende-se mostrar um novo formato de curso de português língua estrangeira, ministrado numa região geograficamente propícia, por se encontrar na tríplice fronteira: Brasil, Venezuela e Guiana, em um momento de forte movimento migratório e de maturação da internacionalização da universidade supra citada. Ao lado disso é importante abordar a humanização e a amorosidade como ferramentas e/ou estratégias utilizadas na aprendizagem para obtenção de um círculo eficaz. A prática linguística colabora como estratégia de aquisição da língua portuguesa, levando os falantes nativos do inglês, francês e espanhol a desenvolverem as habilidades linguísticas de leitura, compreensão e interpretação e produção para o “agir no mundo” em língua portuguesa e possibilitam uma abertura maior para que o diálogo e troca de experiência cooperem para que a aquisição da língua de forma acolhedora quebrando amenizando os conflitos existentes no processo de aquisição do conhecimento corroborando para que aconteça, de forma exitosa, a aquisição da língua portuguesa. Considerando essa decorrente mudança, apontaremos aqui alguns princípios que consideramos relevantes no processo de Internacionalização da UFRR, tendo o Colégio de Aplicação como um dos pilares da internacionalização da universidade.

Palavras-chave: Internacionalização; mobilidade discente; português língua estrangeira

INTRODUÇÃO

Entende-se por mobilidade acadêmica internacional o processo que possibilita ao discente matriculado em uma instituição acadêmica, estudar, durante um período, em outra instituição de ensino superior situada no estrangeiro do mesmo modo, possibilita a vinda de estudantes estrangeiros para estudar em instituições universitárias do nosso país.

Ao lado disso pode-se dizer que a mobilidade acadêmica internacional faz parte do processo de internacionalização das Universidades brasileiras e que já é uma realidade consolidada ao redor do mundo. Trata-se de uma oportunidade única em que o aluno tanto da graduação quanto da pós-graduação pode estudar em uma das várias Universidades do mundo com as quais o Brasil possui acordos de cooperação internacional.

Nesse sentido e em virtude do processo de internacionalização, a Universidade Federal de Roraima recebe vários alunos estrangeiros, tanto na graduação como na pós-graduação. Os estudantes chegam à UFRR por meio de Programas de intercâmbio internacional, tais como: Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Alianças para a

¹ Este trabalho é parte do trabalho de tese do doutorado em Ciências da Educação, pela Universidade San Carlos em Assuncion-Paraguay.

² Mestre em Letras pela UFRN, professora da Universidade Federal de Roraima, coordenadora e professora do PLE no Colégio de Aplicação, aplicadora do exame Celpe Bras.

³ Mestre em Letras pela UFRR, professora substituta do Curso de Licenciatura em Educação do Campos - LEDUCAR/UFRR, aplicadora do exame Celpe Bras.

Educação e a Capacitação (PAEC), Programa de intercâmbio Brasil/Colômbia (BRACOL), Brasil/México (BRAMEX) e PITZER COLLEGE.

Além do compromisso assumido por meio de acordos de programas como PAEC e PEC-G, observou-se a necessidade de auxiliar os estudantes na aprendizagem e no aprimoramento das habilidades de comunicação em Língua Portuguesa, bem como na ampliação do aproveitamento acadêmico, que, por vezes, é dificultado por conta de entraves linguísticos. Por esta razão, surgiu a iniciativa de ofertar um curso de Português para os estudantes estrangeiros.

O curso de Português Língua Estrangeira/Adicional (PLE/A) é uma ação antes desenvolvida mediante a parceria entre a Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINT) e a Extensão (PRAEX) e objetivava possibilitar aos alunos estrangeiros a aquisição do português brasileiro, vivenciando, por intermédio de processos de imersão em situações e contextos relevantes, os usos da língua e os valores socioculturais que até 2017 foi assim vivenciado.

Em 2018, numa tentativa de ofertar um curso mais amplo e mais completo o curso foi levado para o Colégio de Aplicação (CAp/UFRR) colaborando assim para que todos os alunos do pré PEC-G pertencessem de fato e de direito ao Colégio de Aplicação e, conseqüentemente, à Universidade Federal de Roraima (UFRR). Nesse sentido, pensou-se, com relação a esses alunos, que como eles não estão ainda na graduação e já concluíram seus estudos, em nível médio, nos seus devido países, nada impede que os mesmos permaneçam na educação básica e, conseqüentemente, no CAp/UFRR.

A ação busca, ainda, preparar os alunos para o exame de Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa (CELPE-BRAS), o qual é requisito obrigatório, no caso de alguns programas internacionais, para o ingresso e desenvolvimento de estudos em nível de graduação e pós-graduação nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras.

Os futuros graduandos do PEC-G, conhecidos também como alunos (PRÉ – PEC –G), possuem duas grandes diferenças em relação aos alunos do PAEC. Primeiro, o contato oficial com a língua portuguesa ocorre somente com o curso de PLE/PLA ofertado como curso de extensão.

Neste sentido, é preciso destacar que o fato de estes alunos estarem no Brasil contribui, sobremaneira, para o aprendizado da referida língua. Todavia, os alunos do PAEC, além disso, possuem o contato com as aulas da academia e o curso de português, enquanto que os alunos do pré- PEC-G possuem apenas o contato com as aulas de língua portuguesa. Esse fator é capaz de interferir no aprendizado da mesma, fazendo com que estes alunos

tenham um processo um pouco mais lento. A segunda diferença está relacionada ao Exame CELPE-BRAS. Os alunos do PAEC precisam apresentar o certificado de proficiência antes do término do curso, ao passo que os alunos do pré PEC-G dependem da aprovação no referido exame para poder ingressar nos cursos de Graduação da UFRR. Em vista disso, esses alunos têm pouco mais de seis meses para adquirir a língua e submeter-se ao exame de proficiência em língua portuguesa.

Considerando-se que o estado de Roraima está geograficamente situado em uma região de tríplice fronteira: Brasil, Venezuela e Guiana, e vivendo um momento de forte movimento migratório e de maturação da internacionalização da universidade supra citada, pretende-se mostrar um novo formato de curso de português língua estrangeira, tendo como ofertante o CAP/UFRR. Ao lado disso é importante abordar a humanização e a amorosidade como ferramentas e/ou estratégias utilizadas na aprendizagem para obtenção de um círculo eficaz. E observamos, com Calado, a visão freireana de ser humano:

Feito para o ser mais, o ser humano é ontologicamente chamado a desenvolver, nos limites e nas vicissitudes de seu contexto histórico, todas as suas potencialidades materiais e espirituais, buscando dosar adequadamente seu protagonismo no enorme leque de relações que a vida lhe oferece, incluindo as relações no mundo e com o mundo, as relações intrapessoais, interpessoais, estéticas, de gênero, de etnia e de produção (CALADO, 2001, p. 52).

A aquisição do conhecimento acontece menos conflituosamente e mais eficazmente quando se constrói efetivamente com afeto, dedicação, empenho e trocas de experiências nas relações interpessoais, intrapessoais, no mundo e com o mundo, consciente de que adquirir conhecimentos linguísticos em tão pouco tempo, não se constitui como tarefa fácil. O “agir no mundo” em língua portuguesa acontece na labuta diária do convívio em imersão total com pessoas de várias esferas sociais, na interação e integração com alunos, professores e comunidade, acadêmica e social, diariamente, compartilhando espaços e informações.

INTERNALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

A partir da década de 90 e mais fortemente no novo milênio, a internacionalização vem se fortificando no panorama mundial. Corrobora para isto a tendência de categorizar a educação como serviço com a sua conseqüente regulamentação pela OMC – Organização Mundial do Comércio (SIQUEIRA, 2003), ao lado do predomínio da concepção de transnacionalização frente à consideração da educação como bem público, resguardada pela soberania do estado-nação. Nesse cenário a internacionalização marca as relações entre as universidades.

Na última década, os estudos têm se concentrado na classificação das relações Estado-Universidade como a de um Estado Avaliador (NEAVE,1988). Tais relações refletem a desacomodação de uma concepção dominante de educação superior para a elite, frente a uma demanda por acesso em explosão, a chamada educação de massa.

Para Santos (1995),

“a crise da legitimidade ocorre, assim, no momento em que se torna socialmente visível que a educação superior e a alta cultura são prerrogativas das classes superiores altas. Quando a procura pela educação deixa de ser uma reivindicação utópica e passa a ser uma aspiração socialmente legitimada, a universidade só pode legitimar-se a satisfazendo. Por isso a sua função tradicional de produzir conhecimentos e de os transmitir a um grupo social restrito e homogêneo quer em termos das suas origens sociais, quer em termos dos seus destinos profissionais e de modo a impedir o seu status, passa a se duplicar por estoura de produzir conhecimentos a camadas sociais muito amplas e heterogêneas e com vista a promover a sua ascensão social. (SANTOS 1995 p. 211).

Esta incerteza ante ao desconhecido provoca um sentimento de perda de controle e, em defesa, faz com que a avaliação atinja o patamar supremo como estratégia de substituição aos mecanismos exitosos perdidos.

As características da educação estão intimamente imbricadas com o processo de globalização e com as determinações oriundas de organismos internacionais multilaterais. O Estado avaliativo adquire a conotação de avaliação em todos os aspectos da realidade educacional e em todos os níveis do sistema. Entretanto, é no sistema de ensino superior que se verifica o maior impacto. Isto porque, a globalização considera como um dos principais valores o conhecimento e neste, o advindo de patamares superiores, onde a busca de educação e certificação continuada se faz presente. A universidade adquire um valor máximo e a concepção de liberdade acadêmica, símbolo da intocabilidade do ensino superior passa a sofrer impacto.

Por fim, o embasamento teórico aponta para: a transnacionalização universitária como decorrência do processo de globalização; o acelerado processo de formulação de políticas educacionais públicas estatais e não estatais de transnacionalização não mais entre países do Mercosul, mas extensível à América Latina e a União Européia; a consolidação do Estado avaliativo/regulador/supervisor na educação, destacando sua marca na educação superior, através de uma rede complexa e minuciosa de políticas educacionais públicas formuladas pelo Estado e com a legitimidade da comunidade; o acelerado processo de expansão da educação superior em quase todos os países, principalmente no Brasil; e a possibilidade da classificação da educação superior como serviço (GATT), direcionada pela OWT – Organização Mundial

do Comércio e com o predomínio de conceito isomórfico de qualidade. É nesse cenário que os estudos sobre internacionalização adquirem grande importância.

METODOLOGIA

Na Universidade Federal de Roraima – UFRR - a internacionalização acontece de várias maneiras, uma delas é por meio de convênios e intercâmbio discente e docente. Neste sentido, a UFRR, via Colégio de Aplicação – CAp - oferece o curso de português para estrangeiros – pré PEC-G. O CAp é uma escola de Educação Básica que oferece o ensino fundamental a partir do primeiro ano até a terceira série do ensino médio. Nesse contexto educacional recebemos e atendemos, a partir desse ano, essa nova demanda tornando o CAp/UFRR um dos pilares da internacionalização da Universidade, contribuindo na maturação e na construção identitária da internacionalização de uma universidade jovem, situada numa tríplice fronteira, passando, no momento por um fenômeno migratório nunca visto antes. Diante deste cenário, trabalhamos com esses alunos oriundos de vários países francófonos e hispânicos, no CAp/UFRR a partir da segunda quinzena de março. As aulas acontecem todos os dias pela manhã e a tarde eles têm aulas para reforçar o que foi aprendido pela manhã e para aquisição de novos conhecimentos. Além das aulas de Língua Portuguesa, são ofertadas as disciplinas de História, Geografia, Artes visuais, Artes Cênicas, Música, oralidade (conversação), Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, Práticas Linguísticas, atividades avaliativas e simulado do exame Celpe Bras.

ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

O processo de aquisição de uma nova língua está intimamente relacionado com a aquisição de uma nova cultura, o que leva a uma nova maneira de ver o mundo. Assim sendo, não é possível conceber o ensino com o foco apenas na estrutura gramatical e vocabular da língua portuguesa, necessário se faz provocar a aquisição do conhecimento holístico relacionado com a nova língua.

Dentre as várias abordagens que fundamentam o ensino de línguas estrangeiras, destaca-se a abordagem comunicativa. Essa se preocupa com a língua além de sua estrutura, trata do uso real da língua, “o agir no mundo” em língua portuguesa. Pensar a aquisição da língua estrangeira por meio da interação do aluno com o social é relativamente novo, com menções iniciais entre as décadas de 60 e 70. Nessa perspectiva, há alguns nomes de

referências para o estudo dessa modalidade: Almeida Filho, no Brasil e Hymes, Canale e Swain, fora do país.

Ser comunicativo, para Almeida Filho (1998),

significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso significa menor ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abre ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa (ALMEIDA FILHO, 1998, pg. 42).

Desse modo, o aluno é o centro da aprendizagem e o principal responsável por seu desenvolvimento. Ao lado disso, pode-se destacar que o foco está no sentido e na interação entre sujeitos. Assim, o aluno aprende a comunicar-se na nova língua por meio do uso nas mais diversas situações do cotidiano, ou seja, no “agir no mundo” na língua-alvo.

Esse modo de ensino, ainda conforme Almeida Filho (1992,p. 45),

consiste naquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes, tarefas de real interesse, bem como as necessidades a fim de que o mesmo possa adquirir a capacidade de utilizar a língua-alvo para realizar ações reais na interação com outros falantes-usuários dessa língua.

Entende-se, assim, que o papel do professor deve ser buscar perceber as necessidades de aprendizado e supri-las, por meio das “atividades relevantes”, visando o desenvolvimento da competência comunicativa, comunicar-se e se fazer entender.

Essa competência é compreendida por Canale e Swain (1980), como a junção de conhecimentos e habilidades diversas que são requeridas para a comunicação. Os autores destacam que há, nesse caso, uma interligação de quatro competências, a saber: gramatical, que refere-se ao domínio do código linguístico; sociolinguística, ao conhecimento de regras socioculturais de uso; discursiva, diz respeito ao modo como se combinam os termos e os significados em diferentes gêneros; e, estratégica, que quer dizer domínio de estratégias de comunicação. Os autores entendem, a partir disso que, “podemos dizer que um indivíduo possui competência comunicativa se sabe quando falar, quando não falar, a quem, onde e de que maneira falar (CANALE e SWAIN, 1980, p. 42). Configura-se, assim, uma aprendizagem da língua voltada para a comunicação.

PROPOSTA DE ENSINO PARA PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: RESULTADO E DISCUSSÃO

A aquisição da competência comunicativa, como dito, deve ser o principal objetivo de cursos de segunda língua. Nesse entendimento, concebe-se o ensino de português para estrangeiros.

Vale destacar, que compreende-se a língua pelo viés social, como reflexo de uma cultura e meio de acesso ao sujeito. Essa concepção de língua diz respeito à compreensão e a aceitação de uma nova cultura (ALMEIDA FILHO, 1997). Diz-se, com isso, que o novo falante de uma língua se aproxima dela com um total desconhecimento e vai aos poucos se familiarizando e reconhecendo-a. Esse é o caminho da aprendizagem, o qual é denominado, por diversos autores, como processo de “desestrangeirização”.

A partir dessa perspectiva de ensino de língua e das necessidades desse discente em processo de aquisição linguística, propõe-se que os cursos de Português Língua Estrangeira contemple, pelo menos, quatro aspectos em sua composição, a saber: ensino de língua portuguesa, ensino de língua portuguesa por meio de outras temáticas, prática linguística desenvolvida por meio de atividades externas à sala de aula e atividades extraclases.

Falar que um curso de língua portuguesa deve contemplar o ensino de português, soa um tanto quanto óbvio. Todavia, o que se quer destacar, com isso, é que, além do ensino da língua contemplar tudo que já foi dito anteriormente, quanto ao entendimento de língua, de aprendizagem e de ensino, ele não é o único componente de um curso de língua portuguesa para estrangeiros.

Ao lado disso, acrescenta-se o segundo aspecto mencionado: o ensino de outras temáticas. Nesse processo de aquisição linguística, a língua está totalmente relacionada à cultura, seu ensino deve ser feito pelo viés da cultura e da interação social propiciando ao discente a oportunidade de aquisição de forma mais dinâmica nessa imersão total da cultura e da língua portuguesa no Brasil. O que justifica a necessidade de se trabalhar com diferentes temáticas na sala de aula.

Vale lembrar ainda que o ensino para a comunicação enfatiza o uso da língua em situações normais do cotidiano. Assim sendo, muitas são as temáticas encontradas fora da sala de aula. Nessa perspectiva, considera-se importante que o aluno estrangeiro tenha contato com diversas temáticas também dentro da sala de aula.

A partir dessa orientação, pode-se montar a proposta do curso, que vislumbra que o aluno familiarize-se com as diversas temáticas em língua portuguesa e passe a construir suas significações na nova língua.

Outro componente que compreende-se como parte de um curso de português para estrangeiros que se preparam para o exame Celpe-bras é o preparo específico para o Celpe-bras. Novamente, temos uma menção aparentemente óbvia, mas não é. Infelizmente, alguns cursos de língua portuguesa, nesse molde, não dão a devida atenção ao exame e suas especificações. Ressalta-se, com isso, que é preciso considerar que o exame Celpe-bras requer uma competência comunicativa um pouco mais “lapidada” do examinando.

Na parte escrita, por exemplo, “há sempre uma **ação** com um **propósito** claro de comunicação – planejada por um **enunciador** e direcionada a um ou mais **interlocutores** – ao qual o examinando deverá **adequar** seu texto em **termos linguísticos e discursivos**” (CELPE-BRAS, 2017a, p.6, grifos nossos). Entende-se, com isso, que são requeridas algumas competências que não estão ligadas apenas ao aprendizado da língua portuguesa, mas à comunicação de modo geral. Ou seja, ao escrever uma proposta de texto do Celpe-bras, o examinando precisa identificar qual ação deve realizar, com que propósito, em que posição social se encontra, para quem vai escrever e conseguir colocar todas essas informações de forma coesa e coerente dentro de um texto. Assim, temos uma questão de escrita de texto que ultrapassa a questão de aprendizado da língua portuguesa. Isso quer dizer que se o estrangeiro possui facilidade ou dificuldades de escrita em sua língua de origem, o mesmo será transferido para o novo idioma.

CONCLUSÃO

Por fim, aponta-se, aqui como um dos aspectos necessários para um curso de português para estrangeiros em preparação para o exame Celpe-bras a ocorrência de atividades extraclasse. A disciplina de Práticas Linguísticas atende as necessidades apontadas por Almeida Filho (2015), quando ele assinala que aprender a significar em outra língua implica entrar em relações com outros.

Nas aulas de campo, proporcionadas pela disciplina anteriormente citada, os alunos têm a oportunidade de conhecer diversos lugares e interagir com os mais variados tipos de falantes, nessa disciplina foi possível levar a sala de aula às feiras, pontos turísticos, praças, diversos bairros da cidade, shoppings, Zoológico, Bosque dos Papagaios, Igrejas, patrimônio histórico, dentre outros.

Dessa forma, para Almeida Filho, aproximando os alunos da cultura e do povo do Brasil. Ao lado disso, os alunos ainda participam de eventos, por meio de participação em eventos populares, visitas a diversos locais como feiras livres, instituições de ensino, pontos turísticos, supermercados, cidades próximas etc, a fim de que o aluno vivencie diversos contextos de uso da língua e passe a familiarizar-se com ela.

Com essa proposta de curso, conseguiu-se contribuir para que a aprendizagem dos alunos estrangeiros se desse de forma mais rápida e menos penosa do que nos anos anteriores. O exame acontecerá no dia primeiro de outubro, todos os alunos estão tranquilos, sentindo-se preparados para a aprovação no exame Celpe-bras, confiantes na aquisição da nova língua, falam com todas as pessoas, independentemente do cargo que ocupem na universidade, sabem fornecer informações, entendem e se fazem entender. Além disso, é visível que os alunos sintem-se mais acolhidos e integrados ao espaço brasileiro.

Reflete-se, nesse texto, sobre o ensino de português língua estrangeira para alunos que se preparam para a aprovação no exame Celpe-bras, a partir do enfoque da abordagem comunicativa e das especificações do Celpe-bras.

Destaca-se que o ensino de língua nessa abordagem centrada na comunicação busca compreender, entender a necessidade de comunicação dos alunos e trabalhar para promoção da interação contextualizada.

2 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O professor em formação**. Campinas, SP – Pontes 1992.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP – Pontes 2015.

_____. **Identidade e Caminhos no Ensino de Português para Estrangeiros**. Campinas, UNICAMP: Pontes Editores, 1992.

_____. **Parâmetros Atuais para o Ensino de Português Língua Estrangeira**. Campinas: Pontes Editores, 1997.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. & LOMBELLO, L.C. (Orgs.) **O Ensino de Português para Estrangeiros: Pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de e BARBIRATO, R. C. (orgs.). **Interação e aquisição na aula de língua estrangeira**. Campinas – SP: Pontes, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013**: Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G. Brasília; 192º da Independência e 125º da República. 2013. In: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d7948.htm> Acessado em: 25 de junho de 2018.

BRASIL. **Manual do Estudante-Convênio**. Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Ministério das Relações Exteriores – MRE; Departamento Cultural – DC; Divisão de Temas Educacionais – DCE. 2017. In: < http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/docs/Manual_do_Estudante-Convenio_PT.pdf > Acessado em: 25 de junho de 2018.

CANALE, M., SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. Applied Linguistics. Vol. 1, 1: 1-47. 1980

CELPE-BRAS. **Contextualização do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras)**. Unidade 1. Instituto Anísio Teixeira – INEP. Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos – Cebraspe. 2017a.

CELPE-BRAS. **A parte escrita do CELPE-BRAS**. Unidade 2. Instituto Anísio Teixeira – INEP. Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos – Cebraspe. 2017b.

CELPE-BRAS. **A parte oral do CELPE-BRAS**. Unidade 3. Instituto Anísio Teixeira – INEP. Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos – Cebraspe. 2017c

CELPE-BRAS. **Manual do examinando**: versão eletrônica simplificada. Instituto Anísio Teixeira – INEP. 2016

DELL' ISOLA, Regina. **A construção do sentido durante a leitura em PLE**. In: JUDICE, N. (Org.) *Português Língua Estrangeira: leitura produção e avaliação de textos*. Niterói: Intertexto, 2000. p. 37-45.

DELL'ISOLA et al. **A avaliação de proficiência em português língua estrangeira: o exame CELPE-Bras**. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.3, n .1, 153-184, 2003

GIRARD, Denis. **Linguística Aplicada e Didáticas das línguas**. São Paulo: Editora Estampa, 1997.

LIMA, Andrade, Pâmela et al. ; MENDES, Padilha, Sablina.; CASTRO DE, Moura, Alberto. **UFRR e as aventuras no português brasileiro**. Atas. XXV Encontro da AULP. Cabo Verde. 2015.

NEAVE, G.R. On the cultivation of quality, efficiency and enterprise: an overview of recent trends in higher education in Western Europe, 1986-1988. European Journal of Education, v. 23, n.1/2, 1988.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. **Proposição e análise de um modelo para comportamentos de cidadania organizacional**. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2003, vol.7, n.spe, pp.165-184. ISSN 1415-6555. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552003000500009>.

TROUCHE, L. M. G. & JÚDICE, Norimar. **Tópicos em português como língua estrangeira**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2000.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Campinas – Pontes, 1990.

WILLIAMS, M., BURDEN, R. L. **Psicologia para professores de idiomas: enfoque del constructivismo**. Cambridge, 1999.